

Identidade e representação dos Guarani em Santa Catarina

Helena Alpini Rosa (UFSC)
Ana Lúcia Vulfe Nötzold (UFSC)

“- Quem é você? Qual o seu nome?”
“- Eu sou Karaí, eu sou índio, eu sou Guarani!”¹

Introdução

O diálogo da epígrafe acima é claro, preciso, compreensível e “*grosso modo*” define o ser índio Guarani. Simples se não fosse considerado quem é o interlocutor da pergunta. Trata-se de um fragmento de uma conversa informal e até de brincadeira acontecida em um curso de formação de professores entre a Professora Maria e o menino Karaí Moreira, filho de Eunice Antunes Paraí e Marcos Morreira, família que mora no Morro dos Cavalos, Palhoça, Santa Catarina.

Por que trazer esse diálogo em evidência neste contexto de estudo e pesquisa? Que aproximações se pode realizar a partir da fala do pequeno Karaí e os processos identitários do povo Guarani no estado de Santa Catarina? A resposta pode ter sido dada sem nenhuma intenção inicial e simplesmente respondendo ao que foi perguntado, de forma direta e até inconsciente, no sentido de que uma criança com a idade dele não possui uma consciência coletiva de cultura e de identidade. A resposta dele ainda que inocente e meramente ilustrativa, possibilita algumas constatações para elucidar o entendimento e abrangência do conceito de identidade do povo guarani.

A fala do pequeno Karaí remete ao estudo do conceito de identidade. Assim, se tem por objetivo aqui, aprofundar o termo identidade no contexto da formação das comunidades Guarani de modo geral e especialmente da formação da comunidade Mby'a Limeira, localizada na Terra Indígena Xapecó, município de Entre Rios/SC, que foi escolhida como campo de pesquisa para o doutorado. Este estudo servirá de referencial teórico para o entendimento das relações estabelecidas pela comunidade, pois assim como a maioria das comunidades Guarani, ela encerra o modo de vida e as características identitárias do seu povo.

Neste sentido, a pesquisa para este artigo será de cunho teórico visando elucidar o conceito de identidade e sua relação com os conceitos de cultura, fronteira e grupo

étnico. Visa estabelecer um diálogo entre os elementos identitários e/ ou de representação do grupo étnico com as concepções sobre identidade abordadas e desenvolvidas por Stuart Hall, Ariane Ewald, Florence Giust-Despraires, Tomaz Tadeu da Silva, Fredrich Barth, entre outros, servindo de aporte teórico para compreensão da singularidade do povo Guarani.

Aprofundar o termo identidade e entendê-lo no contexto do povo Guarani se deve ao fato de que a abrangência deste povo e que se identifica como tal, vai muito além das fronteiras nacionais, regionais, estaduais. Reivindicar identidade específica significa sair da massa comum e homogênea que se estabelece na concepção de Estado Nação com fronteiras físicas marcadas por concepções políticas, culturais, sociais hegemônicas, muitas vezes controversas às fronteiras étnicas dos muitos e diferentes povos indígenas.

No caso Guarani, segundo Clovis Antonio Bringhenti, a ocupação territorial deste povo, *“não obedece, não respeita e não se deixa limitar pelas fronteiras nacionais,”* estabeleceram assim, novos paradigmas para definição de fronteiras, o que não significa dizer que ocuparam o território da mesma maneira ao longo dos anos. (BRINGHENTI, 2010, p. 15).

Atualmente os Guarani estão localizados no estado de Santa Catarina, hoje vivendo em 21 aldeias, num total de 1657 pessoas. A maioria destas aldeias localiza-se ao longo do litoral, abrangendo desde o município de Imaruí, ao sul, até Garuva ao norte. Algumas comunidades “partilham” terras com o povo Xokleng, na região do alto Vale do Itajaí, uma comunidade na aldeia Bugio na Terra Indígena Ibirama e com o povo Kaingáng, sendo uma na região de Chapecó, aldeia Araxaí e outra na região de Xanxerê, na T.I. Xaçepó, aldeia Mby’a Limeira já situada anteriormente. (BRINGHENTI, 2012, p. 42).

A presença do povo Guarani no sul do Brasil, na Argentina, Paraguai e Bolívia remonta ao período anterior à chegada dos europeus. Segundo Francisco Silva Noelli, os Guarani se expandiram para o sul a partir dos rios Madeira-Guaporé, no sudoeste da Amazônia, conquistando uma vasta área em partes do Brasil, Paraguai, Argentina, Uruguai e Bolívia. São descendentes do Tronco Tupi e no período do contato foram caracterizados pela forte capacidade de adaptação e a organização

grupala partir de famílias extensas. Ainda *“é preciso reconhecer que os Guarani representam diversas populações que tinham em comum língua, cultura material, tecnologia, subsistência, padrões adaptativos, organização sociopolítica, religião, mitos, etc.”* Apresentavam variações em nível dialetal, de etnicidade e adaptabilidade. (NOELLI, 1999/2000, pp. 247, 248).

Desde o período anterior ao contato e partir dele, os Guarani foram paulatinamente sendo empurrados para espaços pequenos e distantes, de difícil acesso e com poucas possibilidades de agricultura, outro elemento identitário do povo. Isso se deve também às estratégias adotadas pelos Guarani de não confrontar com os não indígenas e dão novo significado às fronteiras que lhe são impostas tanto de território, quanto de cultura e identidade.

Porque o conceito Identidade

Há ainda hoje muitas ideias e pré-conceitos equivocados em relação aos indígenas e considerando os últimos acontecimentos envolvendo as questões de nível político e econômico, relacionados especialmente a demarcação das terras, há necessidade premente de fortalecimento da identidade pelos diferentes povos indígenas. Com os Guarani esse processo é muito presente. Desde as garantias de direitos estabelecidos pela legislação, firmar e reafirmar a identidade grupala étnica contribui para a recuperação gradativa da auto-estima e do orgulho de ser indígena perdidos ao longo dos anos de colonização, os quais foram expostos.

É importante ressaltar que ao se falar de identidade de um povo indígena, no caso aqui, dos Guarani, se fala de uma identidade política simbólica, que visibiliza, articula e acentua a identidade étnica de fato. Segundo Gersem dos Santos Baniwa Luciano existe um imaginário popular, *“fruto do preconceito, de que índio é tudo igual, servindo para diminuir o valor e a riqueza da diversidade cultural dos povos nativos e originários da América continental.”* (LUCIANO, 2006, p. 40).

Algumas das ideias equivocadas a respeito do ser índio e que contribuem para que os povos indígenas busquem reafirmar ainda mais elementos identitários que marquem seu espaço social e cultural na história do Brasil está no vídeo *“Povos indígenas: conhecer para valorizar”*, produzido pelo Museu do Índio e Secretaria de

Estado da Educação do Rio de Janeiro. O referido vídeo aborda com detalhes e de forma didática quatro ideias equivocadas a respeito da visão que a sociedade, de forma generalizada e generalista tem e faz dos povos indígenas. Pensar que “*índio é tudo igual*”, diferencia o indígena do branco caucasiano ou do ser de origem européia, mas não considera os diferentes e inúmeros grupos étnicos e seus costumes, crenças, línguas, organização política, social e econômica. A ideia de que o “*índio é atrasado e primitivo*”, especialmente no que diz respeito à ciência e à escrita, quando se estabelece que o conhecimento e a história somente se valida pelo documento escrito e pelo legado científico de conhecimentos elaborados, experienciados, vividos e sistematizados em cânones e sistemas pré-estabelecidos.

Não se considera a tradição da memória e da oralidade que são domínios específicos e identitários da maioria das sociedades indígenas brasileiras. Igualmente o pensamento de que o “*índio parou no tempo*”, parte da premissa que o avanço está relacionado ao uso indiscriminado da tecnologia para o desenvolvimento e autossustentabilidade, assim com pensar que “*índio é passado*”, ou seja, não existe mais, ficou lá atrás e portanto para quê pensar neles ou estudá-los, já que hoje o que existe são os “caboclos”, os “bugres”, os “mestiços”, “os paraguaios”, isto é, não são verdadeiramente índios, pois não estão nus, não usam cocares, usam celulares e assistem televisão numa pretensa e falsa ideia de identidade e de cultura. (Museu do Índio, 2010, Vídeo).

Neste sentido, abordar o termo identidade, para os povos indígenas e para os Guarani, representa atenção aos seus processos próprios de valorização e de continuidade de suas culturas, tradições e saberes. Para os indígenas, hoje, nas palavras de Gersem:

A reafirmação da identidade não é apenas um detalhe na vida dos povos indígenas, mas sim um momento profundo em suas histórias milenares e um monumento de conquista e vitória que se introduz e marca a reviravolta na história traçada pelos colonizadores europeus. (LUCIANO, 2006, pp. 42,43).

Considera uma revolução na própria história do Brasil, pois o reconhecimento dos diversos povos indígenas permite perceber que o país possui uma grande pluralidade étnica e cultural, embora sendo negada sistematicamente.

Identidade e os Guarani

Remetendo à resposta do Karaí, ela poderia ser de qualquer outra pessoa do grupo, de seu pai e /ou de sua mãe. O fato relevante, no entanto, é a resposta e o que ela traduz quando se aborda o conceito de identidade. Então, por que um menino de 06 anos², em tão tenra idade, responde “*eu sou índio*”, “*eu sou Guarani*”? O que engloba, ou melhor, o que significa esta resposta? Que representações, intencionalidades e evidências se apresentam nesta resposta? A resposta do Karaí é emblemática e neste sentido, é evocada aqui para estabelecer um elo entre os conceitos de identidade e a concepção estabelecida dentro do grupo. Entendendo que não se pode perceber e entender a identidade de forma isolada, ou o conceito pelo conceito, mas este em relação com a cultura, com as relações de tempo e espaço, com as fronteiras que este grupo estabelece em suas relações internas, com o meio, com outros grupos sociais.

A comunidade de Mby'a Limeira localiza-se na Terra Indígena Xapecó, conjuntamente ao povo Kaingáng, na parte que pertence à jurisdição do município de Entre Rios/SC.³ As primeiras famílias chegaram ao local na década de 1920 oriundas de vários lugares seguindo uma das características específicas do povo Guarani de migração constante em múltiplas direções. São diversos os relatos de pessoas que em algum momento viveram ou ainda vivem na comunidade de M'bya Limeira. São os casos de Adão Antunes e Algemiro da Silva Poty:

Quando a gente chegamos lá, nós chegamos lá por volta de não sei, acho que de (19)62, na verdade eu tinha seis, sete anos quando chegamos lá (...) eu me lembro que a gente chegou numa aldeia com um grupo, mais ou menos doze pessoa eu acho que foi, aí fizemo até ritual de dança e quando chega a pessoa fora, portanto então, foi muito legal, eu me lembro a cumprimentação dos Guarani naquela época, era assim o costume diferente, muito agradável. (SILVA POTY, 2007, entr.)

No começo o local era chamado de Aldeia Guarani, pois marcava a diferença em relação ao povo Kaingáng da TI Xapecó. Era a forma encontrada para identificar a comunidade como não sendo pertencente ao grupo maior localizado naquela região. O nome da atual aldeia Mby'a Limeira se deve ao fato de que havia duas casas cobertas de ramos usadas como salões de dança, uma pertencia ao cacique João

da Silva e outra era do Sr. Feliciano em sua frente havia alguns pés de Lima. A casa do cacique, com o tempo deixou de existir, pois seu João mudou-se para outro lugar. Ficou apenas a casa de Feliciano também conhecida como a casa da Limeira. Assim o nome passou a se chamar M'bya Limeira. Mby'a se deve ao subgrupo dialetal Guarani a que pertence as famílias da comunidade.⁴

A língua é uma das características identitárias Guarani, e, a população que vive no Brasil está subdividida em três subgrupos dialetais distintos: Kaiowá; Nhandeva ou Xiripá e Mby'a, este último designa o grupo do qual pertence a aldeia de Limeira. Estas denominações são resultado de estudos antropológicos, arqueológicos e históricos que podem ser conferidos nos escritos de NOELLI, BROCHADO, MELIÀ, entre outros, que não se detalhará neste momento.

As denominações dialetais nem sempre são consideradas pelo povo Guarani e por suas lideranças. O Karaí Alcindo Wherá Tupã, líder espiritual reconhecido, em uma palestra aos acadêmicos Guarani do curso de Licenciatura Intercultural Indígena na UFSC, dizia que o importante é ser considerado e reconhecido como Guarani, *"nós como Guarani, povo forte, nossos parente conhece a gente como Guarani"*.⁵ Fazia a reflexão de que hoje, os jovens deveriam se apresentar aos outros como Guarani, referindo-se especialmente a sociedade em geral, aos *jurúas*⁶ e aos demais povos indígenas, especialmente em relação aos Kaingáng e aos Xokleng, povos vizinhos aos Guarani no Brasil Meridional. A afirmação do Karaí Alcindo, e do pequeno Karaí Antunes Paraí são da identidade Guarani e ao mesmo tempo são definidores de fronteiras. Usam sim as diferenças dialetais entre eles mesmos, no próprio grupo, para delimitar outras fronteiras: de hierarquia, formação familiar, relações de poder e de organização, características linguísticas e de costumes do cotidiano. Quando o trato é para fora do grupo, importante é ser reconhecido como Guarani.

Segundo Tomaz Tadeu da Silva, afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, distinguir entre o que fica dentro e o que fica fora. Como *"aquilo que é e aquilo que não é"* (SILVA, 2000, p. 74). O termo identidade entendido como interdependente ao termo diferença. Ao afirmar *"eu sou Guarani"*, o pequeno Karaí está dizendo que ele é indígena, que ele pertence a um grupo específico, mas está implícito também na sua afirmação que ele não é *Kaingáng*, ou *jurúá*. A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam em incluir e excluir.

Poder-se-ia questionar qual a percepção que uma criança de seis anos tem a respeito da identidade, no entanto se utiliza essa afirmação justamente para se compreender que a identidade, além de ser um conceito complexo, é também um conceito que diz respeito ao sujeito enquanto indivíduo, mas que se produz, cresce e se desenvolve em um grupo e este grupo é que lhe infere os elementos identitários. Segundo Ariane Ewald, a identidade pessoal, que nos faz únicos, indica que somos também relativos ao mundo em que vivemos. Considera o significado de identidade (enquanto existência subjetiva), uma essência compartilhada. Na formação de sua singularidade ela compartilha valores e crenças da sua comunidade, próximas do seu tempo, sexo e condição. (EWALD, 2005, p. 219).

Nesta mesma linha de pensamento Florence Giust-Despraires estabelece que o processo identitário emerge no campo da consciência. O sujeito é chamado a fazer um inventário de suas capacidades, de seus trunfos, e, é levado a se situar em seu itinerário de vida, a formular o sentido que ele toma ou que ele lhe dá; e a se atribuir objetivos ou a repensar seus objetivos e se resignar a abandonos. A identidade procede de uma tensão conflitante entre as lógicas sociais e as necessidades psíquicas dos indivíduos. (GIUST-DESPRAIRES, 2005, p. 215).

Embora aqui, a referência é a afirmação de um menino, as premissas do conceito de identidade estão implícitas. O conceito, com este sentido pode ser aplicado a qualquer sujeito que ao se auto-identificar, identifica também o grupo a que pertence, além de outras implicações que dizem respeito à cultura, a fronteiras, a relações de poder e a própria linguagem. Por isso é que Stuart Hall afirma que *"a identidade é um desses conceitos que operam 'sob-rasura', no intervalo entre a inversão e a emergência: uma idéia que não pode ser pensada da forma antiga, mas sem a qual, certas questões-chave, não podem ser sequer pensadas."* (HALL, 2000, p. 104). A identidade é algo que não se caracteriza pela unidade, mas por um cruzamento de relações, formando uma construção flexível, aberta, aleatória e provisória. Hall utiliza o termo identidade como o ponto de sutura entre os discursos e as práticas que tentam interpelar os sujeitos sociais de discursos particulares com os processos que produzem subjetividades e que constroem os sujeitos aos quais se pode falar. (HALL, 2000, p. 111).

Ainda, a fala de ambos os Karaí, criança e o velho líder espiritual, contém uma

carga de representação, pois ao afirmar ser Guarani, a expressão carrega a significação não só do pertencimento a um grupo étnico específico, mas à cultura, o modo de ser, a situação deste grupo nesta sociedade, a própria história de constituição deste grupo humano, entre outros elementos. Segundo Kathryn Woodward, a representação e a conseqüente produção de significados relacionam-se diretamente com a preocupação com a identificação, especialmente através da constatação de diferenças e semelhanças.

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-nos como sujeito. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos (...). A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar. (WOODWARD, 2000, p. 17).

A identidade é um significado – cultural e socialmente atribuído e na teoria cultural contemporânea a identidade e a diferença estão associadas a sistemas de representação. A representação é concebida por uma dimensão do significante. O conceito de representação incorpora todas as características de indeterminação, ambigüidade e instabilidades atribuídas à linguagem. Neste sentido, a representação é uma forma de atribuição de sentido, portanto, é um sistema linguístico e cultural arbitrário e estreitamente ligado as relações de poder. Neste contexto, questionar a identidade e a diferença significa questionar os sistemas de representação que lhe dão suporte e sustentação.(SILVA, 2000, pp. 90-91).

A identidade também é marcada por meio de símbolos, mas é tanto simbólica quanto social. No contexto do povo Guarani, a representação que prevalece é a de uma identidade a ser preservada. Essa representação leva a uma reivindicação identitária. Reivindicação muito mais afirmada do que sustentada, considerando a realidade de ameaça, de perseguição, de dominação que este povo, juntamente com outros povos indígenas sofreram e vem sofrendo ao longo da História de formação do Brasil.

10.4025/6cih.pphuem.154

A resposta do Karaí é respaldada nos bens culturais e nos elementos traduzidos dentro da comunidade através da convivência, em um sistema de educação que se processa internamente na maioria das comunidades Guarani. Sua resposta à indagação “*quem é você?*” denota que há no interior do grupo a preocupação e a consciência da identidade. Já é sabido que os Guarani mantêm uma postura de valorização e preservação do conhecimento tradicional, visando a manutenção de sua cultura e fortalecimento da história do povo em seu território tradicional. Para o povo Guarani, a educação começa no berço e acompanha o Guarani para a vida toda. A importância da educação na vida Guarani se confunde com a própria cultura, é o “*fio indispensável na confecção da pessoa Guarani*”. (BERGAMASCHI, 2009, p. 91).

O conjunto de elementos que se processam no grupo faz parte de um todo e envolvem questões relacionadas ao nascer, crescer, conviver. São aspectos do dia a dia, da forma de tratar com os animais, com a natureza, com os familiares e com os costumes relacionados ao ser menino e ser menina e os papéis desempenhados no grupo familiar, na comunidade e com a sociedade fora do grupo. Esses elementos que são passados de geração em geração e que constituem o modo de vida Guarani estão relacionados ao patrimônio cultural, à identidade, à língua, a própria sobrevivência deste grupo humano que mantém muito das características de seus ancestrais.

Há dentro das comunidades uma grande preocupação, especialmente dos mais velhos e do líder espiritual para conseguir educar dentro da tradição Guarani: o respeito pelos mais velhos, a confecção do artesanato, o plantio do milho, da mandioca, o preparo do terreno para construir uma nova casa, o preparo do *cadji* – bebida tradicional feita com milho – entre outras.

As crianças e adolescentes são consideradas especiais para a manutenção da tradição e são da responsabilidade das pessoas mais velhas da comunidade, especialmente as mães. O aprendizado se dá pela convivência, pela observação no cotidiano, pelo estar junto. Schaden, em sua pesquisa constatou que: “*a criança Guarani se caracteriza por notável espírito de independência. Desde cedo se ocupam em ‘imitar’ as atividades dos mais velhos: pais e mães; os brinquedos são raros.*” (SCHADEN, 1974, p. 59).

Isso tudo poderia ser uma explicação razoável para entender a resposta do Karáí, principalmente levando em conta que as crianças Guarani, desde pequenas são orientadas a seguir o modo de vida, isso implica em compromissos que se expressam nas relações com os parentes, na vida familiar, religiosa, na subsistência ligada ao plantio e à confecção de artesanato, na língua guarani *mbya*.

Porém, não parece ser tão simples assim, porque não se quer apenas entender a resposta do Karáí pura e simplesmente, mas dentro do contexto do grupo étnico que pertence e remete à compreensão de identidade.

Conclusão

Finalizando compartilho com a posição de Tomaz Tadeu da Silva afirmando que identidade não é uma essência; não é fixa, estável, coerente, unificada, permanente; tampouco é homogênea, definitiva, acabada, idêntica, transcendental. A identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo.(SILVA, 2000, p. 96) Deve ser concebido dentro de uma perspectiva da teoria cultural contemporânea, que tem inferências e interferências, com múltiplos sentidos e de mãos dadas com a diferença.

Assim, pode-se afirmar que a identidade não se caracteriza pela unidade, mas por um cruzamento de relações, formando uma construção flexível, aberta, aleatória e provisória. O termo identidade entendido como interdependente ao termo diferença, *aquilo que é e aquilo que não é*. Identidade também como o ponto de *sutura* entre os discursos e as práticas que interpelam os sujeitos sociais de discursos particulares e os processos que produzem subjetividades e que constroem os sujeitos aos quais se pode falar.

O “eu sou um Guarani” traduz ainda que indiretamente as muitas performances da identidade Guarani, consciente ou inconsciente, mas transmitida e vivenciada através da oralidade, de geração em geração.

¹ Diálogo entre a Professora Maria Crippa Scovronski e Karai Antunes Parai Moreira durante Curso de Capacitação de Professores Indígenas, São Carlos/SC, 2011, Relatório Final, acervo SED/SC.

² Idade que o menino Karaí possuía em 2011, período da ocorrência do curso.

³ A Terra Indígena Xaçecó tem uma extensão de 15.623 hectares abrangendo os municípios de Ipuacú e Entre Rios. Foi Homologada em 1991 e Declarada através da Portaria MJ 799/07. (BRINGHENTI, 2012, p. 255).

⁴ Essas informações estão expostas em um Banner na Escola Indígena Guarani Mbya Limeira, do Projeto Tekoha Sustentável e nas entrevistas realizadas para a pesquisa de Mestrado em 2008.

⁵ Aula de História Indígena Pré e Pós Colonial do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena da UFSC, turma Guarani, Semestre 2011.1.

⁶ Expressão Guarani usada para identificar o não indígena.

Referências:

BRINGHENTI, Clovis A. "Povos indígenas em Santa Catarina." In: NÖTZOLD, Ana Lúcia, ROSA, Helena Alpini e BRINGMANN, Sandor Fernando (Orgs). **Etnohistória, História Indígena e Educação: contribuições ao debate**. Porto Alegre: Pallotti, 2012. pp. 37-65.

BRINGHENTI, Clovis A. "Terras indígenas em Santa Catarina." In: NÖTZOLD, Ana Lúcia, ROSA, Helena Alpini e BRINGMANN, Sandor Fernando (Orgs). **Etnohistória, História Indígena e Educação: contribuições ao debate**. Porto Alegre: Pallotti, 2012. pp. 255-78.

EWALD, Ariane P. "Identidade e construção do sujeito numa era de incerteza." In: ZUGUEIB NETO, Jamil (org). **Identities s Crises Sociais na Contemporaneidade**. Curitiba. Ed. UFPR, 2005, pp. 215-231.

GIUST-DESPRAIRIES, Florence. "A identidade como processo, entre ligação e desprendimento." In: ZUGUEIB NETO, Jamil (org). **Identities s Crises Sociais na Contemporaneidade**. Curitiba. Ed. UFPR, 2005, pp. 199-213.

HALL, Stuart. "Quem precisa da identidade?" In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. 4 ed., pp.103-133.

KUPER, Adam. Cap. 7 – “Cultura, diferença, identidade”. In: **Cultura: a visão dos antropólogos**. Tradução Mirtes Frange de Oliveira Pinheiros – Bauru: EDUSC, 2002 (Col. Ciências Sociais), pp.287-318.

LUCIANO, Gersem dos Santos. **O índio brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Brasília: Ministério da Educação, LACED/Museu Nacional, 2006.

MENEZES, Ana Maria Teixeira de; BERGAMASCHI, Maria Aparecida. **Educação Ameríndia: a dança e a escola Guarani**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2009.

MOTA, Lucio T.; FAUSTINO, Rosangela C. “Entendendo cultura, etnicidade e políticas de inclusão”. In: FAUSTINO, Rosangela C.; MOTA, Lucio T.(org) **Cultura e Diversidade Cultural: questões para a educação**. Maringá: Eduem, 2012. pp.13-30.

NOELLI, Francisco Silva. “A ocupação humana na região sul do Brasil: arqueologia, debates e perspectivas 1872-2000”. In: **Revista USP**: São Paulo, n. 44, pp. 218-269, dezembro/fevereiro, 1999, 2000.

SILVA, Algemiro da. **Entrevista concedida a Helena Alpini Rosa**. Faxinal do Céu, PR, 08 de outubro de 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu da. “A produção social da identidade e da diferença”. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. 4 ed., pp.73-102.

SCHADEN, Egon. **Aspectos fundamentais da cultura Guarani**. 3ª. Edição. São Paulo: EPU: Editora da Universidade de São Paulo, 1974.

WOODWARD, Kathryn. “Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual”. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. 4 ed., pp. 7-72.